Luiza Bisognin Marchesan,
Lucas Araújo Ferreira

Hospital Nove de Julho, São Paulo, SP, Brasil

Introdução: A Dengue é uma enfermidade causada por vírus transmitido ao homem por via vetorial, a partir do repasto sanguíneo de fêmeas do Aedes aegypti infectadas. Após a transmissão o vírus se reproduz e ataca as células do baço, fígado e medula óssea, resultando na diminuição das plaquetas. Segundo a Organização Mundial da Saúde, o ano de 2023 foi o ano de maior registro de casos de dengue na região das Américas, com um total de 4.565.911 casos, incluindo 7.653 casos graves (0,17%) e 2.340 óbitos. Sendo assim, é de suma importância expor tais dados para o aprimoramento do combate ao vírus.

Objetivo: Descrever os casos notificados de Dengue, no estado de São Paulo/Brasil, entre o período de 2020 a abril de 2024.

Método: Estudo descritivo, transversal com abordagem quantitativa de análise de série temporal. Foram selecionados, apenas dados do DATASUS/SINAN sendo considerados os registros de casos notificados de Dengue, que aconteceram no estado de São Paulo, no período de 2020 a maio de 2024.

Resultados: Após a coleta dos dados, foram notificados um total de 2.077.786 casos no estado de São Paulo durante o período selecionado. Dessas notificações, 204.616 casos correspondem ao ano de 2020, 158.546 ao ano de 2021, 350.898 ao ano de 2022, 338.143 ao ano de 2023 e 1.025.583 até maio do ano de 2024. Observa-se que o ano de 2021 registrou o menor número de casos (158.546), enquanto o ano de 2024, até maio, apresenta-se como o ano com o maior número de notificações de dengue (1.025.583), com mais que o dobro de casos em comparação com o ano anterior, 2023 (338.143).

Conclusão: Após a análise dos dados, constatou-se que os casos de dengue nos anos iniciais da pandemia (2020 e 2021) foram significativamente menores em comparação aos anos subsequentes, possivelmente devido à subnotificação dos casos durante o período de pico da pandemia de COVID-19. Em 2024, até o mês de maio, foi observado um aumento exponencial nos casos de dengue, atribuído à introdução de novas cepas do vírus no país e aos eventos climáticos. Diante dessa situação, é imprescindível reforçar as medidas para erradicar o vetor da doença e ampliar a vacinação contra a dengue.

https://doi.org/10.1016/j.bjid.2024.103897

ÁREA: EPIDEMIAS E DOENÇAS EMERGENTES

OR-21 - RESISTÊNCIA ISOLADA A RIFAMPICINA EM CASOS DE TB EM PVHIV - DESCRIÇÃO DOS CASOS DA CIDADE DE SÃO PAULO

Carolini Cristina Valle, Vitoria Annoni Lange,
Denise do Socorro da Silva Rodrigues,
Paulo Roberto Abrão Ferreira

Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), São Paulo, SP, Brasil

Introdução: A tuberculose acometeu cerca de 10 milhões de pessoas em 2022, sendo responsável por cerca de 1,3 milhões mortes no mesmo ano. Um dos grandes desafios para controle da doença é a resistência (TBDR), sendo o *mycobacterium tuberculosis* o patógeno responsável pelo maior número de casos de resistência aos fármacos no mundo, com cerca de 500 mil casos ao ano. Dentro do cenário de TBDR a monoresistência a rifampicina (RMR) vem se destacando com um número crescente de casos, sendo responsável na nossa amostra por cerca de 28% dos casos de resistência. A infecção pelo HIV vem sendo descrita como um fator independente para a RMR, fenômeno ainda não bem compreendido.

Objetivo: Descrever os casos de RMR associados a infecção pelo HIV nos pacientes atendidos no Instituto Clemente Ferreira (ICF) na cidade de São Paulo.

Método: Foi realizado um estudo retrospectivo dos casos de TBDR com foco na RMR atendidos no ICF em São Paulo, entre 2017 e 2021 Os dados foram extraídos do SITE-TB, TBweb e dos prontuários físicos dos pacientes incluídos no estudo.

Resultados: Foram analisados os prontuários de 76 pacientes com RMR, em tratamento no ICF entre o período proposto. A coinfecção pelo HIV foi observado em 15 pacientes 19,7% do total e 21,7% dos casos testados. Dos pacientes coinfectados 60% já tinham sido submetidos a algum tratamento prévio com exposição a rifampicina contra 28% dos pacientes não coinfectados ou não testados para HIV. A média de idade dos pacientes vivendo com HIV foi de 39 anos, dois anos a mais que o grupo RMR geral. Entre os pacientes vivendo com HIV, foi observado comparativamente uma proporção maior de pacientes em situação de rua e com história de abuso de drogas. Com relação aos exames diagnósticos, na população vivendo com HIV o TRM TB foi concordante com o exame fenotípico em 75% das vezes, já no grupo não coinfectado a concordância foi de 6%, essa diferença foi estatisticamente significativa com $P < 00,1$ apesar da diferença de tamanho entre os grupos. Entre os pacientes não coinfectados a cura foi alcançada em 65% dos casos contra 40% entre os PvHIV.

Conclusão: Em comparação com os dados nacionais, para coinfecção HIV e TB, notamos um aumento da prevalência em pacientes com MRM. A maioria desses pacientes teve alguma exposição prévia a rifampicina e essa exposição intermitente pode estar associada ao aumento dos casos de monorresistência nessa população.

https://doi.org/10.1016/j.bjid.2024.103898

ÁREA: INFECTOLOGIA CLÍNICA

OR-22 - SÍFILIS GESTACIONAL: ANÁLISE DO PERFIL EPIDEMIOLÓGICO NO BRASIL DURANTE O PERÍODO DE 2018 A 2022

Juan Rodrigues Barros, Davi Arantes Rodrigues,
Maria Luisa Souza de Paula,
Mylena Etelvina de Macedo Alves,
Felipe Mendes Bessone,
Victor José Torres Teodósio,
Maria Eduarda Souza Miranda,